A homossexualidade masculina em periódicos e teses médicas na Bahia oitocentista (1840-1900)

> Tamanduá: Não digo! Não quero! (muito zangado, e batendo com as mãos) Estou com raiva.
> Tatu: Por que, meu queridinho? (afagando-o) Que te fizeram?
> Tamanduá: Ora porque! inda pergunta? Não se lembra que por três vezes quis casar carnal e espiritualmente … com seu primo Eustaquinho; e depois (empurrando-o) até com você! e que nem ele, nem você têm querido!? Fazendo assim penar esta alma, este coração!. . . esta cabeça!. . .
> Tatu: Ó diabo! tu estás variando! Quanto ao espírito, nem todos os demônios que habitam por todas as regiões são capazes de nos divorciar, e quanto ao parir. . . mais devagar; eu sou homem; (pondo-lhe a mão no ombro) não sou mulher! e tu hás-de saber que é o vício mais danoso que o homem
> pode praticar! (QORPO SANTO, 1866, p. 147)

Temas relativos a diversidade sexual e de gênero têm recebido, na atualidade cada vez maior atenção de historiadores e cientistas sociais. Não é algo de admirar: há um aumento da visibilidade de minorias na contemporaneidade que, mesmo distribuído de forma desigual, ajuda a compreender este interesse. Existem, porém, períodos privilegiados pela historiografia nacional quando se pretende tratar destes temas em geral, e da relação erótico-afetiva entre homens em particular. Destacam-se, como campos de atuação mais vastos, os três séculos de Brasil colônia, com a assombrosa quantidade e qualidade das fontes inquisitoriais, e o século XX pela possibilidade de acompanhar a disseminação do discurso médico sobre homossexualidade masculina e feminina, transgeneridade e transexualidade, em paralelo ao surgimento do movimento pelos direitos civis de lésbicas, gays e pessoas transgêneras.

O século XIX costuma ser um período pouco visitado – ainda que se busquem neste período as "origens" dos discursos médicos sobre a homossexualidade masculina, sobretudo a partir dos anos 1870 (GREEN; POLITO, 2006, p. 18-24). dificuldades para estudos situados neste período dizem respeito, quase sempre, a exiguidade das fontes; seriam poucas, e

extremamente dispersas. Assim, embora tenha existido algum tipo de perseguição policial a homens conhecidos pelo afeto ao mesmo gênero no século XIX, a falta de um tipo penal específico que a punisse torna a busca deste objeto ainda mais difícil (SILVA, 2015; TREVISAN, 2011, p. 171-183). Da mesma forma, as teses dos doutorandos das duas faculdades de medicina, da Bahia e do Rio de Janeiro trataram das práticas eróticas e afetivas entre homens – mas quase sempre de forma pontual e/ou indireta. Admitindo isto, seria uma impossibilidade o estudo destes temas no século XIX? Ou, de forma mais restrita: seria possível acompanhar o processo de construção de um olhar médico sobre a homossexualidade masculina no Brasil a partir das teses dos doutorandos da faculdade de medicina da Bahia? Estamos diante, aqui, da intransponível barreira da falta, tratada por ROUSSO (1996, p. 90)? Julgo que não. Acredito no contrário: que a exiguidade de fontes exige cuidado no olhar e uma imaginação histórica bem embasada, capaz de observar e interpretar as fontes simultaneamente dentro do seu contexto de produção e das perguntas feitas pelo historiador. Também exige ferramentas conceituais capazes de "ler nas entrelinhas" certas referências muito sutis.

O ponto de partida deve ser o entendimento de que a história do homoerotismo masculino no Brasil não pode ser meramente a história de um conceito descolado do contexto sócio-cultural de sua produção. Tais construtos teóricos, avultados acima das vicissitudes do processo histórico, tendem a homogeneizar a análise e ocultar a diversidade de configurações dadas pelo lugar social dos indivíduos, os espaços possibilitadores, etc. A experiência descrita por Adolfo Caminha em **Bom Crioulo**, os amores fora de ordem de Amaro e Aleixo compartilhava semelhanças com o de Sérgio em **O Ateneu**. Mas as distinções de classe e raça, neste caso, indicam a necessidade de uma leitura mais nuançada dos dois casos, o que permite construir um quadro mais preciso das formas de viver o erotismo e afeto entre homens no período. Afinal, as possibilidades, espaços, punições do estudante de um dos internatos da

corte eram muito diferentes da de dois marinheiros pobres – um deles negro – na zona portuária carioca. Até mesmo os estudos médicos das vítimas deste "mal" variava em função de critérios como miséria (PINHEIRO, 1898, p.102-3), mestiçagem (RODRIGUES, 1932 p. 199-204) dentre outros. Com efeito, para Manoel Calmon du Pin e Almeida, em sua tese **Degenerados Criminosos** (1898), criou uma associação direta: a homossexualidade, sob a rubrica de pederastia, constituía uma das modalidades de degeneração; e a sociedade baiana como era especialmente mestiça, estava predisposta a degenerar (SILVA, 2015, p. 180-1).

De fato, a busca deve se deslocar para um entendimento que acolha a relação entre a experiência dos sujeitos históricos, com distintos lugares sociais, e as possibilidades de relações erótico-afetivas com pessoas do mesmo gênero, dotados de uma historicidade própria. Em suma: um chão social em relação ao qual se construíram discursos sobre estas experiências. Sigo, aqui, na medida do possível as sugestões de Dias (1992, p. 50), onde tal possibilidade de análise se localizaria naquela tensão entre o papel prescrito pelas instâncias de poder (como a medicina ou a repressão do Estado pela polícia ou vigilância sobre comportamentos intentada por jornais) e o quotidiano do vivido, no qual existe uma informalidade na vivência destes papéis sociais. Em jornais, por exemplo, este foi o caso de sujeitos infamados publicamente pelos seus amores ou performances de gênero fora de ordem (BUTLER, 2016, p. 194). No **Alabama**, periódico que se pretende denunciar as mazelas da capital baiana, temos um indivíduo referido como "mau filho, mau esposo, mau pai, mau tio, jogador corrupto, sevandija consumado e... pederasta paciente" (O ALABAMA, 1870, p. 4-5); no jornal **Os Defunctos**, ligado ao Partido Conservador, um dos membros do partido adversário é referido no texto como D. Gustavinha, que em lugar de governar Sodoma havia vindo governar a província, além de ser descrito a bailar com a saia de riscado, torso e vestido (OS DEFUNCTOS, 1868, p. 2). Experiências muitos distintas das de Cosme e Horácio, dois meninos escravos contra os quais se pediam as providências ao senhor chefe de polícia por

seduzir “para fins libidinosos” outros jovens – filhos famílias – que passavam pela região da Fonte das Pedras (O ALABAMA, 1867, p.4). Assim, se para um sujeito das elites políticas e econômicas da Bahia de então, o maior risco era o opróbio público, para indivíduos oriundos de classes subalternas a violência policial e social era a hipótese mais provável. Senão vejamos um exemplo concreto: em 1865, foi detido pela polícia o africano João Paulo, encontrado nas matas do Barbalho “ferido de facadas” com “camisa de algodão” e “vestido de mulher”, e tido pela autoridade como “incorrigível” por reincidente nesta conduta (BAHIA, 1865, fl 1). Foi, inclusive, objeto de maiores preocupações das autoridades:

> O subdelegado daquelle Districto precedeo ao competente corpo de delicto nos ferimentos do referido Africano, que ora se acha no Hospital da Caridade, e á respeito do qual tenho recommmendado as mais sérias investigações sobre os factos que ultimammente se hão dado por aquelles sitios (Secretaria da Policia..., 1865, fl 1).

Nos exemplos acima citados, contudo, há que se observar que existe um conjunto de significados compartilhados que supõe o conhecimento prévio do leitor sobre o erotismo e afeto entre homens, e dão a ver as possibilidades de falar do tema neste período. Trata-se de um esforço de ancorar o diálogo entre dois sujeitos em significados compartilhados. Em suma: havendo dois mundos, aquele em que se conta e aquele que se narra, é necessário ancorar os significados do segundo em sujeitos que vivem no primeiro (HARTOG, 1999 p. 229). Indica-se, inclusive, a relação intestina entre gênero e masculinidade nesta época: as relações erótico-afetivas entre homens estavam diretamente associadas a uma performance de gênero inadequada, que fugia ao padrão de masculinidade definido no período e aproximava perigosamente o sujeito do polo feminino, entendido na época como frágil, passivo, inferior (BELUCHE, 2008, p. 45-8; GROSSI, 2004, p. 5-6 p. SILVA, 2015, p. 20-31). Era, de alguma forma, fugir ao papel socialmente prescrito - o que demandava algum tipo de sanção. Nesse sentido, é possível compreender a ancoragem de significados que une as teses inaugurais da

Faculdade de Medicina Bahia, com sua circulação mais restrita, e debates levados à cabo na sociedade baiana do período, nos exemplos que vimos acima nos jornais. Marinonio de Freitas Brito em sua tese **A libertinagem e seos perigos relativos ao physico e moral do homem** (1853) condenava as relações sexuais entre homens, equiparadas a indício do enfraquecimento dos povos ao longo da história. Persistindo neste caminho, os libertinos logo se exauririam no mundo de prazeres, até alcançarem uma velhice precoce que lhes impediria de propagar a espécie com filhos dignos da missão natural do homem, na expressão do próprio autor. Desonrados, pouco lhes restaria a não ser o ostracismo dos homens de honra, e uma morte dolorosa – quando não uma descendência terrível. Esgotados tanto fisicamente quanto moralmente, sua geração seria de homens fracos e efeminados, capazes de todos os vícios (BRITTO, 1853, p. 4-5). Exemplo desta sentença eram os *subacti* que marcaram, em Roma, o período de enfraquecimento deste povo – terminologia em latim para se referir a prostitutos passivos:

> *Unamo-nos com o sabio Virey e digamos: – o libertino é um ente degradado, fraco por sua velhice antecipada; elle sente sua impotencia physica e moral; a força nervosa e sensitiva estando absolutamente esgotada pelas voluptuosidades venereas deixa o cerebro incapaz de pensar [...] os musculos se tornão incapazes de fortes movimentos. Tal era o estado da molesa que os antigos notavão principalmente n'aquelles individuos que subemettião seos corpos á um trafico infame – os subacti dos Romanos são um exemplo (BRITTO, 1853, p. 30).*

Por outro lado, é preciso voltar à pergunta inicial – ou melhor, para a sua consequência lógica. Como, no século XIX, foi possível emergir um olhar médico sobre a o erotismo entre homens, que processualmente levou a criação de conceitos como o de "homossexualismo" como doença dos "homossexuais", com causa, e profilaxia específicas? Foucault indicou um caminho quando escreveu sobre a relação estreita entre o nascimento de um saber-poder normatizador sobre o corpo no século XIX e as sexualidades divergentes, sobretudo a homossexualidade (FOUCAULT, 1997, p. 01-48). Efetivamente, o que cabe aqui interrogar a

partir deste autor foi a construção deste campo de saber, as redes de sentido que organizam a teoria do conhecimento e a sua ancoragem dentro da sociedade brasileira oitocentista, com as especificidades sociais que lhe são peculiares[1]. Como, por exemplo, diferentes termos – como pederasta paciente, passivo, sodomita, etc. – são articulados pelos jovens doutorandos, ao longo do século XIX num processo que culminou na criação de uma doença. Como, igualmente, este processo se fez não pela passagem da sexualidade do confessionário para a delegacia ou para o consultório – mas sim sobrepondo estes olhares. As primeiras teses que citam práticas sexuais e afetivas entre homens o fazem tendo por base categorias herdadas do cristianismo católico, como a de "vício" (BRITO, 1853). Mesmo no fim do século, esta associação não desapareceu: terminologias como sodomia ou onanismo, que constam em teses posteriores, estão carregados de uma sensibilidade cristã sobre práticas erótico-afetivas consideradas fora de ordem. Em 1898, Domingos Firmino Pinheiro na tese **O Androphilismo** – a única que trata, na integralidade, do "amor mórbido do homem pelo homem" (PINHEIRO, 1898, p. 7) – realiza o histórico deste fenômeno, tendo como marco inicial o episódio bíblico de Sodoma (Pinheiro, 1898, p. 46). Naturalmente, isto não significa postular homogeneidade entre o olhar médico e o olhar religioso. Existem diferenças, tanto do ponto de vista do papel destes atores no século XIX, sobretudo dos médicos, como das peculiaridades do processo de construção da homossexualidade como categoria médica. Mas os médicos tinham por base prévia o catolicismo no qual haviam sido criados, e a leitura deste sobre sexualidades

[1] Processo análogo ocorreu com as teorias de Cesare Lombroso, referentes ao homem delinquente, ao atavismo, e ao crime como um problema fruto de uma hereditariedade degenerada. Ainda que pensadas a partir da vivência do autor no Reino da Itália recém unificado, cadinho de diferentes povos e com grandes desigualdades entre o norte e o sul, no Brasil ocorreu a adaptação destas teorias por indivíduos como Nina Rodrigues, de forma a apontar a diferença essencial entre as raças e a presença de um tipo humano primitivo e naturalmente predisposto ao crime, caso dos mestiços brasileiros. A esses respeito ver a dissertação de Iraneidson Santos Costa, *A Bahia já deu régua e compasso: o saber médico-legal e a questão racial na Bahia 1890-1940*, na qual o autor aponta os caminhos do processo de adaptação de teorias médicas europeias ao Brasil no século XIX, inclusive indicando como os processos de unificação nacional e definição da nacionalidade que pautavam os dois países europeus tornavam tais referências mais sedutoras para acadêmicos brasileiros. Seja como for, no campo da homossexualidade masculina, a principal referência de Pinheiro é Richard Krafft von Ebing (1840-1902), psiquiatra e médico alemão.

divergentes.

O conhecimento médico brasileiro no período estudado foi profundamente influenciado por outros autores, especialmente os europeus. Nas teses, conforme avançaram as décadas, sobretudo com o influxo de estudos sobre higiene nos colégios, na década de 1870, se avultam citações a autores franceses, ingleses, alemães – e até mesmo brasileiros. Parece relevante, pois, tentar investigar sempre que possível o tipo de leitura levada a cabo pelos doutorandos a respeito destas obras. Brito escreveu um trabalho profundamente influenciado pelo pensamento de do médico higienista Virey. Isto não impediu, entretanto, um processo de seleção para indicar a melhor maneira de traduzir os incômodos deste médico baiano com a sociedade brasileira do período – o trecho que Brito selecionou em sua obra trata de um fenômeno muito específico, o dos *subacti,* isso é, prostitutos passivos nos primeiros séculos da Roma Imperial, tomado pelo autor como sinal da corrupção do período. Este processo de seleção também está no já citado Domingos Firmino Pinheiro (1898, p. 67-70), que em sua obra faz referência tanto aos estudos de Ulrichs, que pediam a total descriminalização da homossexualidade, como ao Dr. Viveiros de Castro, jurisconsulto maranhense que pediu sua punição legal porque entendia a homossexualidade como um problema social grave. A forma como o Pinheiro, neste caso, privilegiou a abordagem de um autor em detrimento da de outro permite antever o tipo de enquadramento que foi proposto para a o erotismo entre homens, e a relação entre normatização, punição/medicalização e sexualidade divergente[2].

Mas há mais: a própria organização dos saberes médicos, bem como o papel da medicina oitocentista pode ajudar a entender a emergência do olhar sobre tal fenômeno. O médico tinha, no século XIX, a pretensão de atuar simultaneamente, um cientista da saúde e

[2] Vale ressaltar que, para Viveiros de Castro, a homossexualidade era plenamente criminalizada pelo direito brasileiro quer como tipo penal ao abrigo dos artigos sobre atentados ao pudor e contra a honra das famílias, quer como condição associada a prática de outros crimes (CASTRO, 1934, p.211 e ss).

um cientista social (SCHWARCZ, 2005, p. 200) curando aquilo que consideravam males dos pacientes e da sociedade brasileira da época. Evidentemente, tais "males" estavam em consonância com um determinado projeto de sociedade defendido pelas elites brasileiras da época, que tinha por escopo marcar e naturalizar decisivamente as diferenças que hierarquizavam a sociedade. A raça foi o fenômeno por excelência onde tal hierarquização ficou mais evidente, já que permitia dar um ar científico a todo o projeto de clivagem e desigualdade da sociedade entre superiores e inferiores, mantendo hierarquias ameaçadas com o fim da escravidão (COSTA, 1997; ALBUQUERQUE, 2009).

Ora, que nos interessa, aqui, é justamente o modo como clivagens baseadas em corpos doentes, degenerados, inferiores foram operadas também em relação a homossexualidade masculina. Corpo e sexualidades divergentes fornecem critérios de diferenciação, normatização e tratamento. Assim, se por um lado, a medicina vai se preocupar com africanos licenciosos primeiro entendidos como agentes da corrupção da mocidade, em função da sua vida no horror da escravidão (BARROSO, 1853, p. 6); só mais tarde, a questão do descontrole, da falta de virtude vai ser atribuída a uma condição essencial, frutos de uma natureza e de uma hereditariedade comprometidas e dos quais não era possível escapar (MARQUES, 1995, p. 41-43).

Neste sentido, os grandes projetos de intervenção social se constituíram por meio da mobilização de um vocabulário e de práticas médicas, como a higiene e as reformas urbanas. É neste quadro em que as ideias médicas vão encontrando penetração da sociedade, especialmente nos campos mais permeáveis a intervenção, como a higiene das amas de leite, a higiene dos colégios, a medicina legal, etc. Dentre os comportamentos eleitos como indesejáveis, os prazeres considerados mais arriscados, estava a homossexualidade e o "amor mórbido do homem pelo homem" (PINHEIRO, 1898). Não tinham qualquer lugar aceitável no corpo dos projetos de nação.

Assim, estes elementos articulados – o desenvolvimento progressivo do interesse médico no erotismo e afeto entre homens; o seu lugar como uma prática que levava a outras doenças e, depois, um mal específico de uma classe específica de seres, os homossexuais; a sua interface com o crime e com clivagens sociais como raça e classe; bem como a relação entre o que se produzia na medicina da época e aquilo que era considerado risível ou criminoso – permitem divisar os traços gerais da forma pela qual a sociedade oitocentista narrou o erotismo e afeto entre homens.

Assim, nas teses dos anos 1850 e 1860, há um esforço eminentemente nominativo e um olhar fortemente normatizador. É preciso dar nome a um comportamento nocivo, embora seja algo difícil. Assim, o erotismo e afeto entre homens eram descritos de uma maneira cifrada, quase sempre tomando a antiguidade greco-romana como referência analógica, como vimos acima, ou dentro de termos vagos como libertinagem. Tal é o caso tanto do já citado Marinonio de Brito, como o de Sulpício Geminiano Barroso e sua tese **Breves considerações acerca do onanismo ou masturbação**, onde o autor indica os efeitos deletérios do onanismo e da sodomia que, uma vez praticados, precisavam do socorro de um médico para trata-los (BARROSO, 1853, p. 8-9). Ainda assim, existe uma percepção deste comportamento, tratado como vício, como algo passível de comprometer a saúde sociedade brasileira. Indica-se, nestes autores, uma relação entre as condições físicas (corpos, raças, temperamentos) e a moralidade (hábitos, culturas, sexualidades, etc.). O conteúdo das teses possui paralelos com o que iria se escrever sobre o tema no final do século, quando a homossexualidade seria tratada como uma patologia os homossexuais seriam tratados como doentes, além de moralmente degenerados, mas sem o mesmo aprofundamento. Nos jornais, o que se observa é uma tendência a relacionar, tal como nas teses, imoralidade e sexualidade divergente, bem como de uso similar das analogias com a antiguidade clássica para nomear o desconhecido:

> Ah!... que os homens gráves e honestos que se ahi acharaõ, qualquer que haja sido o seo numero, nol=o perdoem, que não era desejo nosso assim rasgar-lhes as ulceras do coração -

> mas que se elles recolhão uma vez ao fundo de sua consciencia e nos digão se ahi nos ha crrido de cançada aflicta penna? Que nos respondão si se lhes não apertava de dor o coração, si se lhes naõ cobria de peijo e de rubor a face ao ver-se ahi de mixtura conffundidos n'um tropel de crianças sem saber, sem experiencia, sem criterio, e o que mais é que tudo ainda, sem outros sentimento ou stymulo que o do mais frio e sordido e torpe egoismo? --- Grande Deos!... até o juiz corrupto e venal e concussionario, sem a menor sombra de vergonha! até o vil gatuno que furta relógios e abre cartas! até o miseravel... o hermaphrodita.. o homem meretriz... o devasso Alexis que de não menos de Coridons o ha sido! (O Guaycuru, 1844, p. 4)

Neste trecho, o autor deplora a qualidade dos legisladores da Assembleia Provincial. Estavam mais interessados, segundo ele, em encher os bolsos do que em legislar segundo as necessidades da província. Vale ressaltar, contudo, a ancoragem: tal como os *subacti* de Britto, o editor do Guaycuru recorre a uma imagem do erotismo e afeto entre homens para compor o quadro dos horrores: nada menos que as Bucólicas de Virgílio, onde o pastor Corídon dedica poemas e canções a Alexis, enquanto este parece mais interessado em corresponder aos afetos do dono das terras onde Coridon trabalha.

Nos anos 1860 e 1870, a denúncia moral destes médicos passou a indicar alguns campos de atuação. Numa sociedade onde a defesa do casamento era avidamente propalada, mesmo que não totalmente seguida, homens solteiros, especialmente das elites, eram objeto de um misto de curiosidade e maledicência. Esses sujeitos eram apresentados pelos médicos como não totalmente normais. Ou davam-se a práticas libertinas e, assim, levariam doenças para o seio das famílias (e o casamento, portanto, é a solução higiênica e civilizada para um instinto natural), ou eram doentes em si mesmos do ponto de vista da constituição física, moral e, mais tarde, psicológica. Afinal, para os médicos o celibato era muito negativo:

> O celibato é o continuado goso dos praseres sem limites, e o que é sempre perigoso, não so aos que a elle se entregão como á paz e tranquilidade das famílias […] nos celibatarios encontrão-se os mais das vezes enraizados os hediondos vicios do Onanismo e da pederastia (SILVA, 1869, p. 23).

Tais elementos de péssima lavra eram objeto do escárnio público. No Alabama, periódico chistoso que circulou em Salvador no final da década de 1860 e começo da de 1870, encontramos uma referência a uma má figura que, pai de família, tinha uma péssima conduta. Era um jogador corrupto, um parasita que explorava um sobrinho órfão, e coisa pior:

> - Pois nada suspeita, mau filho, mau esposo, mau pae, mau tio, mau amigo, *jogador corrupto*, sevandija[3] consummado e... *pederasta paciente*?
>
> - É verdade.
>
> - Acredito, e mais ainda porque aquelles que sobem a escala do vicio pelos pentegramas da corrupção e perversidade , não escutam a dissonacia da voz da impudência (O ALABAMA, 1870, p. 4-5).

No original há um diálogo entre o capitão e o referido jogador. Estão grafadas, igualmente, em itálico as expressões pederasta paciente e jogador consumado – decerto aquilo que oferecia mais escândalo aos leitores. Ora, estes comportamentos estão colocados justamente como um problema para o desempenho de suas funções familiares. Não pode ser um bom tio, pois joga com o dinheiro do sobrinho órfão. E, pederasta paciente, tampouco pode ser bom pai e bom esposo

Também existe uma preocupação das teses com os colégios. No século XIX, este era um dos espaços mais importantes para a formação da futura classe dirigente do país. Daí a preocupação de pais, educadores, higienistas e médicos com as condições em que esta educação deveria acontecer tanto do ponto de vista pedagógico como do moral e do médico, expresso na tese de Fruchuoso Pinto da Silva, **Hygiene dos Collegios**:

> A pederastia parece ir com passos surrateiros (sic) fazendo suas perniciosas conquistas no meio da Mocidade dos collegios, por isso a maior attenção e perspicacia deve haver por parte dos directores em pesquizar se ha algum individuo que a ella se habitue e, n'esse caso empregar os meios capazes de extinguir esse pernicioso vicio, que degrada e avilta ao ultimo ponto a infeliz creatura que se deixa vencer pelos indignos pretextos da amisade e da conveniencia, e no caso de não o poder, não ter consideração á fortuna nem á familia, e expellir de seu seio o monstro perverso e falto de sentimentos, que reduz seus semelhantes á triste condição de uma sordida prostituição, e o torna incapaz de entrar na sociedade, que em seu juizo inexoravel abomina-o assim como ao que o traz em sua prejudicial companhia (SILVA, 1869, p. 22).

Interessa evidenciar grande número de orientações no sentido de vigiar amizades e afetos entre os estudantes, garantindo que a sexualidade, ao despertar, fosse direcionada nem

[3] Segundo Luiz Maria Silva Pinto, possui duas acepções. Pode ser qualquer animal mas, igualmente, também significa comportamento imoral ou pessoa imoral. Naturalmente todos esses significados cabem no exemplo supracitado.

ao excesso nem à falta, mas ao justo meio representado pelo matrimônio. Neste sentido, o romance **O Ateneu** (1885) pode ser compreendido como um contraponto a aplicação dessas normas higiênicas, mostrado que não só elas não impediam o afeto entre rapazes nos colégios, como até mesmo suscitavam este comportamento, alocando algo que era comum a um lugar de abjeção:

> A amizade do Bento Alves por mim e a que nutri por ele me fez pensar que, mesmo sem o caráter de abatimento que sempre indignava ao Rabelo, certa efeminação pode existir como um período de constituição moral. Estimei-o femininamente porque era grande, forte, bravo; porque me podia valer; porque me respeitava, quase tímido, como se não tivesse ânimo de ser amigo (POMPEIA, 2005, p. 149).

Esse trecho revela algo do desejo que Sérgio ocultava a em relação à virilidade corpórea de Bento Alves, bem como a defesa, ainda que tímida, desses namoros entre alunos como etapa da formação pela qual era preciso passar. Não era, contudo, uma fórmula aceitável para os médicos e palatável para o público da época, como o autor do livro veio a comprovar. Em 1890, o Estado de S. Paulo se referia a ele como "esquisito novelista do Ateneu" (BALIEIRO; MISKOLCI, 2011, p. 82). Raul Pompeia morreu cedo, aos trinta e dois anos, de suicídio. No mês anterior a sua morte, havia sofrido um bombardeio severo na imprensa, no qual a sua sexualidade havia sido colocada em jogo. Na carta de despedida, declara ao jornal difamador que era um homem de honra. Pompeia era, também objeto de escárnio no grupo de amigos que frequentava. A razão das zombarias era o fato de nunca ter se envolvido com mulheres (BALIEIRO; MISKOLCI, 2011, p. 43-4 e 84-5). Outro periódico, também intitulado o Alabama, deplora no final do século XIX, os perigos aos filhos famílias que não podiam circular em paz pelas ruas da cidade, porque no meio do caminho podiam ser seduzidos: "Lá para o largo de uma Cova sem Onça mora um velho bem conhecido do nosso commercio, e pae de familia o qual com o maior descarado seduz aos filhos familias á fins libidinozos sem a nada temer" (O ALABAMA, 1887, p. 2). Sujeita a perigos, a infância

precisava ser vigiada com cuidado.

Já no final do século XIX, as teses de doutoramento passam a tratar da homossexualidade como uma doença específica, como a já citada **O Androphilismo** de 1898 ou de **Degenerados Criminosos** de 1895. A ideia de uma rede de enunciados que se articulam em torno de um discurso coerente sobre o homossexual como doente do androfilismo/homossexualismo se torna muito mais evidente na última década do século XIX. Os autores das teses, Domingos Firmino Pinheiro e Manoel Bernardo Calmon du Pin e Almeida foram alunos de Nina Rodrigues, e este, em seus trabalhos, associava a degenerescência e crime à raça, mas também às sexualidades divergentes, inclusive a homossexualidade:

> B. Ignacio José da Silva, condemnado pelo jury de Brotas de Macahubas a oito annos de prisão com trabalho por ter assassinado um menino em 1889. Diz este menor que tinha por occasião do crime onze para doze annos, mas que, para poder condemnal-o, o jury attribuiu-lhe quinze annos. Não pude examinar o processo, mas da guia que o acompanhou á penitenciaria consta realmente que elle tinha doze annos e a julgar pela apparencia não podia ter mais. Pouco valor pode ter para nós a narração do crime feita apenas pelo menor, que pretexta como causa uma lucta entre um irmão e a victima. Mas o exame actual é bastante instructivo. É filho natural e tem cinco irmãos. A mãi havia abandonado o pai, que depois disso casou com outra mulher. Elle e os irmãos moravam com a avó materna, mas eram sustentados pelo pai. Occupavam-se na lavoura e, como os irmãos, não tinha instrucção alguma, apezar de haver escola primaria na localidade. É mulato claro, com uma conformação craneana facial asymetrica, hyperbrachyce-phalo com um indice cepahlico de 88,13, as orelhas muito destacadas do craneo e mal conformadas, a abobada palatina profundamente escavada, gago em extremo. É de um cynismo a toda prova; falla dos seus crimes rindo-se e commentando-os com pretenções a espirituoso. Tambem é pederasta passivo, ladrão, jogador e bebado. [...]
> Este menor, apezar de muito claro, tem caracteres inferiores muito accentuados. Um inice cephalico hyperbrachycephalo (88,13), um índice nazal muito platyrrhino (105), um arco parietal muito fraco, etc (ROODRIGUES, 1895, p. 263-264)

Além desta particularidade, os trabalhos do famoso médico e antropólogo maranhense trouxeram ainda outra: a homossexualidade saiu do terreno da higiene no casamento ou na escola e passou ao terreno da medicina legal, discussão que estava em pauta na comunidade

médica brasileira da época. Não apenas a **Gazeta Médica da Bahia** tratava do assunto dentro do mesmo enquadramento médico-jurídico, mas a proposta do Primeiro Congresso de Baiano de Medicina e Cirurgia incluiu entre seus artigos a discussão sobre a homossexualidade sob a rubrica de inversão sexual (GAZETA MÉDICA DA BAHIA, 1895, p. 454). Assim, em certa medida, os anos 1890 representam uma passagem no âmbito das fontes médicas: do combate contra os desviantes para o combate contra o desvio em si, o que exigia entender suas origens, causas, papel, etc., e o que permitiu ressaltar a figura do perito médico. Ao mesmo tempo, nos periódicos, o uso da homossexualidade como um desqualificar se mantém. Em 1891, durante o período eleitoral, o Pequeno Jornal se indigna com as eleições. Depois de criticar uma seção eleitoral onde um desdentado havia registrado noventa e cinco votos quando haviam votado apenas cinco eleitores, em outra se encontra uma curiosa figura:

> Na seguinte secção encontrei outra peste, mas de genero oposto, presidindo a mesa É um sujeito boçal, pedante, afeminado, tem sempre um risinho alvar a pairar-lhe no semblante amarello, falla aflautada como de mulher que vende empadas, e dizer que é hermaphrodita. Nesta secção votaram 9 eleitores mas o tal presidente arranjou a acta com 100 e tantos (PEQUENO JORNAL, 1891, p. 2)

A exiguidade de fontes, portanto, deve ser tomada menos como uma barreira, e mais como uma oportunidade para persistir por meio de outras formas de abordar o problema, mais apuradas e até mesmo mais capilarizadas, saindo do plano das generalizações. Neste sentido, recorro novamente à Dias (1992, p. 40) para quem pensar o atípico implica em não meramente apontar o episódio ou a anedota; mas sim tentar demonstrar como esta atipicidade, que não é plenamente explicada por conceitos e generalizações e que obedece a lógicas conjunturais que ancoram as narrativas, valores e prescrições sobre a homossexualidade masculina em clivagens sociais. No caso da homossexualidade, pensar o atípico de forma conjuntural (ou seja, dotado de historicidade) implicou em entender como os movimentos de tentativa de normatização da sexualidade pela medicina foram construídos ao século XIX, numa perspectiva relacional: para preservar e tentar naturalizar determinado modelo de

família e de sexualidade elaboraram-se barreiras e formas de sanção para sujeitos que experimentaram algum tipo de vivência erótico-afetiva com pessoas do mesmo gênero. Ao se indicar interditos, criou-se simultaneamente antimodelos/antinormas (BELUCHE, 2008, p.) que não deveriam ser seguidos, e que paradoxalmente ajudam o historiador a compreender as formas pelas quais este tema foi capturado pelas lentes dos médicos naquele período, e em quais percepções sociais compartilhadas, sugeridas pela religião, pelos jornais, romances, etc., este discurso estava ancorado, ajudando a construir um modelo hegemônico de masculinidade, família, etc.

Ressaltar a arquitetura de poder e dominação que resultou no processo de captura do prazer homoerótico no século XIX permite ver que não existem em História processos dados pela natureza ou axiomáticos. Todos, sem exceção, são frutos de dinâmicas que estão localizados no tempo e no espaço. Posto de outra forma: diante de um recrudescimento atual do discurso conservador na medida em que a homossexualidade se torna não apenas visível, mas se evidencia enquanto pauta capaz de mobilizar pessoas e amealhar conquistas importantes, torna-se ainda mais necessário evidenciar os processos históricos que embasam na atualidade um discurso de desigualdade e subalternidade social. Determinações divinas ou naturais explicam menos a sociedade brasileira na contemporaneidade e os lugares sociais construídos para sujeitos hierarquicamente situados em diferentes pontos na escala do que o profundo nó de significados, que teve no lugar no XIX, que levou ao estabelecimento de um modelo de família burguesa, heteronormativa e fundada na rejeição de toda a sexualidade divergente da alcova do casal.

REFERÊNCIAS

Fontes

ALMEIDA, Manuel Bernardo Calmon du Pin e. **Degenerados Criminosos**. 1898. Tese (Doutorado) – Bahia: Lytho-tipografia de e encadernação V. Oliveira & C, 1898. 130 p.

BAHIA (estado). Arquivo Público do Estado da Bahia. Chefes de Polícia (1864-1866). Salvador, [19--]. Maço n. 2959.

BARROSO, Sulpício Geminiano. **Breves considerações acerca do onanismo ou masturbação**. 1853. Tese (Doutorado) – Faculdade de Medicina da Bahia. Bahia: Typografia de Luiz Olegario Alves, 1853. 20 p.

BRITTO, Marinonio de Freitas. **A libertinagem e seos perigos relativamente ao physico e moral do homem**. 1853. Tese (Doutorado). Salvador: Tipografia de Vasco Carneiro d'Oliveira Chaves, 1853. 34 p.

GAZETA MÉDICA DA BAHIA. Salvador: Tipogafia de Tourinho & comp. 1866-1900. Quinzenal.

NINA RODRIGUES, Raimundo. **As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil**. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1938. 272 p.

O ALABAMA. Salvador: Typografia de Marques, Aristides e Igrapiúna, 1866-1887. Semanal.

OS DEFUNCTOS. Salvador: Typografia Constitucional & Typografia de França Guerra, 1868--1869. Semanal.

PEQUENO JORNAL. Salvador: Typografia a praça do commercio, nº 13 1890-1893. Diário.

PINHEIRO, Domingos Firmino. **O Androfilismo**. 1898. Tese (Doutorado). Salvador: Imprensa Econômica, 1898. 215 p.

SILVA, Fruchuoso Pinto da. **Hygiene dos Collegios**. 1869. Tese (Doutorado) – Faculdade de Medicina da Bahia. Bahia: Typografia de F. Felix Bahia, 1869. 28 p.

Fontes secundárias

ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de. O jogo da dissimulação: abolição e cidadania negra no Brasil. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2009. 319 p.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2012. 376 p.

BALIEIRO, Fernando de Figueiredo; MISKOLCI, Richard. O drama público de Raul Pompeia: sexualidade e política no Brasil finissecular. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 26, n. 75, p. 73-88, fev. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092011000100004&script=sci_arttext>. Acesso em: 10 jul. 2015.

BELUCHE, Renato. **O corte da sexualidade**: o ponto de viragem da psiquiatria brasileira no século XIX. São Paulo: Annablume, 2008. 115p.

BOSWELL, John. **Christianity, Social Tolerance and Homosexuality**. Gay People in Western Europe from the Beginning of the Christian Era to the Fourteenth Century. Chicago: Chicago University Press, l980.

BUTLER, Judith P. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CAMINHA, Adolfo. **Bom Crioulo**. Cotia: Ateliê Editorial, 2014. 226 p.

COSTA, Iraneidson Santos. A Bahia já deu régua e compasso: o saber médico-legal e a questão racial na Bahia, 1890-1940. 1997. 331 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 1997.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Teoria e Método dos Estudos feministas: perspectiva histórica e hermenêutica do passado. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina. **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1992. 336p.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: a vontade de saber. vol. 1. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

GREEN, James N.; POLITO, Ronald. **Frescos Trópicos**: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980). Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

GROSSI, Miriam Pillar. **Masculinidades**: Uma Revisão Teórica. 2004. 37 p. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/1265/masculinidades.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 01 jun. 2015.

MARQUES, João Felipe. O estilhaçar do espelho. Da raça enquanto princípio de compreensão do social a uma compreensão sociológica do racismo. LIMA, A. G. Mesquitela (Org.). **Ethnologia: Racismo e Xenofobia**, Lisboa, n.3-5, p. 39-57, maio/out. 1995. Disponível em: <http://sapientia.ualg.pt/bitstream/10400.1/4293/3/O%20Estilha%C3%A7ar%20do%20Espelho.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2015.

NINA RODRIGUES, Raimundo. **As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil**. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1938. 272 p.

PINTO, Luiz Maria da Silva. **Diccionario da Lingua Brasileira** por Luiz Maria da Silva Pinto, natural da Provincia de Goyaz. Na Typographia de Silva, 1832.

POMPEIA, Raul. **O Ateneu**. Crônica de saudades. 2ª Edição. Cotia: Ateliê Editorial, 2005. 321 p.

ROUSSO, Henry. O arquivo ou o indício de uma falta. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 17, 1996. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2019>. Acesso em: 02 set. 2013.

SANTOS, Jocélio Telles dos. "Incorrigíveis, afeminados, desenfreiados": Indumentária e travestismo na Bahia do século XIX. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 40, n. 2, p. 145-182, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ra/v40n2/3234.pdf>. Acesso em: 25 out. 2012.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

TREVISAN, João Silverio. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Record, 2007.